

História Empresarial: Um Estudo de Caso de Preservação da Memória Local e Regional

Daniela Andressa Minuceli de Paiva¹ e Blasius Silvano Debald²

1. Especialista em Docência no Ensino Superior. Professora da Faculdade União das Américas – UNIAMÉRICA/PR.

2. Doutor em Educação. Professor e Gestor da Faculdade União das Américas – UNIAMÉRICA/PR.
daniela.paiva@uniamerica.br e *blasius@uniamerica.br*

Palavras-chave

Empresas
História
Identidade
Memória

Resumo:

Estudos relativos a História e Memória Empresarial suscitam discussões no meio acadêmico, pois são novidades e geram resistências por parte de pesquisadores mais conservadores, uma vez que incentiva o empreendedorismo do profissional formado em História. O estudo analisou o caso de uma empresa que manifestou interesse na reconstrução histórica e memorial e sua contribuição para o desenvolvimento da História Local e Regional. Está análise auxilia no fomento da cultura de valorização da História e memória de pessoas físicas e jurídicas, através do uso de narrativas históricas. O trabalho é parte de um caso pioneiro desenvolvido na cidade de Foz do Iguaçu-PR, ao qual a história de uma construtora foi reconstruída tendo como fonte principal relatos de colaboradores e funcionários, colocando como centro do processo, a História Oral.

Artigo recebido em: 19.11.2017.

Aprovado para publicação em: 11.12.2017.

INTRODUÇÃO

As empresas possuem materiais para promover estudos da História Local e Regional, pois acompanharam o desenvolvimento socioeconômico da região, estão presentes no cotidiano da sociedade com suas obras ou serviços e sua participação é relevante na construção da memória. O acervo documental e fotográfico, associado à memória dos integrantes da empresa são fontes para pesquisa e ressignificação histórica.

Ao final da segunda década do século XXI, a pesquisa histórica empresarial oportuniza novo campo de atuação do historiador, fortalecido em países desenvolvidos e apresenta-se como novidade na América Latina. Estudar empresas sob o olhar histórico pode ser visto como uma forma de desafiar as correntes mais tradicionais da historiografia, mas é um campo que está se descortinando para formados em História, a partir do reconhecimento profissional.

Trabalhar com fontes que resguardam a memória empresarial é apropriar-se de material não contemplado pela historiografia oficial e, portanto, os detalhes na análise e interpretação auxiliarão na articulação entre as fontes e o contexto local e regional. Utilizando-se das fontes das empresas e outras disponíveis em diferentes formatos torna-se possível compreender a participação dos sujeitos na construção da memória.

Os estudos referente a história das empresas ocupam pouco espaço nas salas de aula e por consequência não estimula o estudante a pensar na sua importância para a compreensão da História Local e Regional. Assim, pessoas que vivenciaram o desenvolvimento econômico, articulado ao político e cultural, são esquecidas, perdendo-se material humano que poderia integrar os estudos históricos.

O estudo da História Empresarial: preservação da memória Local e Regional, utilizou como viés metodológico a História Oral e de Vida, pois oportuniza apropriação das fontes impressas arquivada na empresa, mas, sobretudo, a memória dos que fizeram parte da história. Problematizou-se um caso específico em que uma empresa do Extremo Oeste do Paraná foi pioneira ao investir na História Empresarial. As vivências das pessoas que fizeram parte da história da empresa foram coletadas mediante entrevistas com temáticas pré-estabelecidas, gravadas e transcritas.

Assim, o estudo proposto assume a perspectiva metodológica ligada aos princípios da História Oral pelas características que essa perspectiva assume na compreensão das trajetórias e do desenvolvimento profissional dos docentes das IESP do Extremo Oeste do Paraná. Nas palavras de Meihy e Holanda (2010, p. 15), “História Oral é um conjunto de procedimentos que se inicia com a elaboração de um projeto e que continua com o estabelecimento de um grupo de pessoas a serem entrevistadas.”

A opção por este método ancora-se nas possibilidades do uso da História Oral, que incluem a riqueza que está por detrás dos detalhes narrados e o posicionamento do depoente em relação à temática narrada. Rouchou (2000) nos ajuda a compreender a importância de um detalhamento do que podemos encontrar ao constituir o sujeito como fonte de pesquisa.

Entrevistar testemunhas dos fatos, privar de sua intimidade, frequentar sua casa, passear por seus álbuns de fotografias, tomar talvez um cafezinho, ou ainda emprestar um lenço para secar algumas lágrimas é absolutamente fascinante. (...) Agora não são mais frios documentos que se analisa, mas os personagens da História, ao vivo, com a contextualização necessária para o melhor entendimento das pequenas Histórias que vão compor o projeto maior (ROUCHOU, 2000, p. 179).

A utilização da História Oral como método de pesquisa vem se acentuando nas últimas décadas. A sua propagação funda-se, principalmente, nas contribuições de Thompson (1992); Meihy (2005); Ferreira e Amado (2001); Delgado (2006); Meihy e Holanda (2007) e Montenegro (2010).

A opção de utilizar a História Oral favorece o pesquisador em seu intento de compreender o ser humano na centralidade da investigação. Conforme Thompson (1992, p. 44), “a história oral é construída em torno das pessoas. Ela lança a vida para dentro da própria história e isso alarga seu campo de ação. Admite heróis vindos não só dentre os líderes, mas dentre a maioria dos desconhecidos do povo.” Na visão de Haguette (1992, p. 65), a História Oral é um complemento à documentação histórica e agrega dados que permitem a reconstituição de um fato único, o que fornece “subsídios dentro dos limites da dimensão contemporânea, uma vez que se baseia em depoimentos gravados de atores sociais que recorrem à sua experiência e memória para recompor fatos acontecidos no âmbito de sua temporalidade”. Contudo, utilizamos no presente estudo a História Oral como uma fonte suficiente para o entendimento de uma realidade social, valorizando o processo de construção das memórias, das experiências e das trajetórias dos depoentes.

Ao propor a História Oral como método de estudo, assumimos que ela apresenta-se como opção metodológica que possibilita o confronto de fontes, a mistura de olhares e a mescla de perspectivas. Ferreira e Amado (2006) defendem a História Oral capaz de se colocar no núcleo central das investigações ao resgatar as trajetórias, ao valorizar as memórias individuais e coletivas e ao transpor as questões temporais. Nas palavras de Esquinsani (2012, p. 221), “ocorre que esse processo é sempre permeado pela troca de impressões entre dois sujeitos distintos: o pesquisador e suas intenções de pesquisa, e o sujeito que narra suas lembranças, com as múltiplas perspectivas da memória.”

A problemática que norteou o estudo partiu da questão: De que forma a história das empresas contribui para a compreensão da História Local e Regional? E como finalidade, analisar a contribuição das empresas na preservação da História Local e Regional. Para tanto, o estudo de caso com uma empresa da cidade de Foz do Iguaçu foi pioneiro na região em relação a História Empresarial.

1 HISTÓRIA DA HISTÓRIA EMPRESARIAL

Atividades comerciais e empreendimentos são registrados desde as primeiras civilizações e fazem parte do desenvolvimento das sociedades. A atividade de empreender parece ser inerente às civilizações e organizações populacionais humanas. Especificamente o século XXI é marcado por uma interação econômica e social, no qual as dinâmicas sociais se alteram significativamente. Mendes (2001, p. 34), sobre o papel exercido pelas empresas no século XIX, relatou “(...) Ela tornou-se, de facto, a verdadeira “célula” do desenvolvimento, especialmente desde finais do século XVIII, com o advento da chamada sociedade industrial”.

Esse contexto também reflete um período de integração econômica e cultural, a chamada globalização, cuja economia, fruto da produção de organizações e empresas, é a mola mestra dessa sociedade, à frente das particularidades e responsáveis pela produção dos bens e serviços consumidos. Chiavenato (1994, p. 54) compreende que “o homem moderno passa a maior parte do seu tempo dentro de organizações, das quais depende para nascer, viver, aprender, trabalhar, ganhar seu salário, curar suas doenças, obter todos os produtos e serviços de que e, principalmente, necessita.”

Devido à função socioeconômica e a cultura de empresas produzem uma quantidade de material para a compreensão das realidades históricas e sua influência estruturante. Através das empresas é possível a identificação de fontes, tanto em arquivo, quanto vivas, que são as pessoas que formaram e colaboraram no desenvolvimento das empresas. Com a complexidade das organizações, que entendemos como sendo “uma coleção de unidades operacionais, cada uma dispendo de suas próprias instalações e de seu próprio pessoal, cujos recursos e atividade são coordenados, supervisionados e repartidos de forma específica através da hierarquia dos dirigentes” (Chandler, 1992, p. 42).

A gestão do conhecimento e da memória é laborioso, pois a compreensão histórica da empresa é uma ferramenta para a atualização dos saberes internos. No século XXI “(...) o conhecimento da história da empresa passa a ser um novo critério a ser observado, em razão de seu potencial em agregar valor aos produtos e serviços das organizações” (SILVA, 2008. p. 128).

Não somente em contextos internos, mas conhecer a história das empresas é oportunizar o conhecimento de uma história total, ou seja, em todas as dimensões das vivências humanas, em um sentido coletivo e também individual. Assim, não há como descartar dos estudos econômicos, sociais, culturais e até mesmo das mentalidades a história das empresas, se estas localizam-se como o centro do mundo capitalista. Ignorar sua existência e relevância nas dinâmicas sociais é amputar do campo de estudos a principal fonte. Mendes (2001) afirmou que escrever a história de uma nação em um determinado contexto, sem colocar no centro a história das suas empresas é uma obra de mutilação voluntária, uma caricatura histórica, já que as empresas devem ser consideradas como o principal laboratório de transformação social.

2 TEORIA DA HISTÓRIA E MEMÓRIA EMPRESARIAL

A temática da História Empresarial nos remete a pensar a memória como reflexão da ideia de que estudos em que o passado ou o presente estão envolvidos não podem ser analisados através do viés da neutralidade, uma vez que exprime um sistema de atribuição de valores.

Mas antes para a compreensão da importância da manutenção da memória das empresas, é necessário definir o que é memória, sua função social e o papel desta na produção do conhecimento histórico. Memória para Jacques Le Goff (1924, p.423) “memória, como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas.” Ou ainda, neste sentido, o estudo compartilha outra definição de memória construída por Le Goff (2008) quando afirma ser a condição daquilo que se tem no presente e que pertence ao passado.

A História Empresarial associa-se aos estudos da memória, pois contempla vivências de pessoas que participaram do processo de construção e acompanharam cada etapa do crescimento. Para Laborie (2009), as memórias são plurais; podem ser utilizadas e empregadas de várias formas; colocam em evidência eventos selecionados e com significação particular; são encenações do passado; congelam o tempo e a ‘verdade’; e possuem uma função militante.

Quando se estuda a História de uma Empresa está se dialogando com as pessoas que fizeram parte da história – colaboradores, clientes, gestores – além dos produtos e marcas que por si só simbolizam as conquistas da organização. Pela história das empresas e pelos seus arquivos passa uma parte relevante da história dos países e das próprias comunidades, o que justifica uma certa expansão verificada ultimamente, no que concerne à história empresarial (MENDES, 2001). Ressalta-se que “memória empresarial não é apenas um passado de uma empresa. Memória empresarial é, principalmente, o uso empresarial que uma organização faz de sua história. Acredito que a memória e História constituem um manancial de possibilidades para que a empresa interaja com a sociedade – tanto a que a constitui como a que a rodeia” (WORCMAN, 2004, p. 28).

Os estudos relativos à memória empresarial localizam-se na década de 80 do século XX, período em que o país inicia seu processo de redemocratização e, portanto, o empresariado poderia publicizar sua história. Assim, “a emergência dos estudos sobre memória de instituições e acontecimentos a partir da década de 1980, com os processos de democratização e lutas por direitos humanos e à expansão e fortalecimento das esferas públicas da sociedade civil. Esse cenário se refletiu no ambiente organizacional, que passou a sofrer maiores pressões dos públicos, mais diversificados e conscientes de seus direitos em razão do aumento da circulação de informações” (NASSAR, 2007, p.11).

A produção acelerada de conhecimentos tanto na academia quanto nas empresas tem contribuído para o acesso de informações e histórias que auxiliam na compreensão de elementos que nem sempre encontramos registrados em obras e documentos, especialmente quanto ao desenvolvimento econômico. Valorizar as histórias dos colaboradores de uma empresa auxilia no processo de apropriação de informações que confrontados com os documentos poderão descortinar novos achados. Para Pinto (2001, p. 297),

(...) a memória recupera a história vivida, história como experiência humana de uma temporalidade, e opõe-se à história como campo de produção de conhecimento, espaço de problematização e de crítica. Na operação histórica, o passado é tornado exclusivamente racional, destituído da aura de culto, metamorfoseado em conhecimentos, em representação, em reflexão; na constituição da memória, ao contrário, é possível reincorporar a ele, passado, um grau de sacro, de mito.

A História ancora-se, tradicionalmente, a um conhecimento racional, uma análise crítica embasada na exposição lógica dos acontecimentos e vidas do passado, prevalecendo o documento como fonte prioritária. A memória, por sua vez, também é uma “construção do passado, mas pautada em emoções e vivências, ela é flexível e os eventos são lembrados à luz da experiência subsequente e das necessidades do presente” (FERREIRA *et al*, 2002, p.321).

Assim os estudos que vão além dos acervos documentais, são um importante dispositivo para a compreensão das identidades empresariais e cooperativas, além da valorização das histórias dos sujeitos diretamente envolvidos.

3 UM ESTUDO DE APLICAÇÃO DA HISTÓRIA EMPRESARIAL.

A reconstrução histórica da memória de empresas e instituições, no Brasil, ainda é limitado. Com poucos exemplos de projetos executados, torna-se flagrante a lacuna existente no país. Reviver a história, está sendo um trabalho mais jornalístico e museográfico que histórico o que limita o uso de métodos coerentes com o fazer historiográfico.

Essa preocupação em registrar a memória das empresas na cidade de Foz do Iguaçu, PR e região por meio de um trabalho que se aproprie da metodologia utilizada por historiadores seguindo critérios do fazer científico. Quando falamos em critérios, abordamos a metodologia do trabalho historiográfico

Assim como um bom médico tem de ter cuidado científico na interpretação dos exames, o bom historiador não está autorizado a afirmar qualquer coisa sobre o passado. Ele também precisa ter rigor científico. Ocorre que muitas vezes a história é vista como nada além de versões igualmente válidas (ALBERTI, 2014).

Através desse método desenvolver uma cultura de valorização da história e memória de pessoas físicas e jurídicas, é o resultado do estudo de caso desenvolvido em Foz do Iguaçu. A aplicação da História Empresarial em uma regionalidade na qual não há uma cultura de valorização e preocupação com a histórica, apresenta-se como desafio. Uma vez que, somam-se problemas, como: a ausência de fontes documentais e iconográfica para além do setor técnico e administrativo, e, principalmente, a dificuldade de sensibilização da comunidade empresarial de fazer o resguardo e o registro de arquivos e acontecimentos. Todavia, algumas empresas motivadas em registrar seu passado, seguem contra essa tendência do silêncio e esquecimento, preservando um preciso acervo que analisado oportuniza compreender como fez parte da história da cidade.

A Empresa, que é nosso objeto de estudo, viu na história uma forma de valorização do trabalho executado em Foz do Iguaçu. Por se tratar de uma construtora, enquanto edificava a cidade construiu também sua história. Fomos procurados pelos sócios, para organização de um material que representasse para a sociedade, a trajetória da empresa, dos empresários, empregados e colaboradores e demais beneficiados pelos trabalhos da empresa.

O material ultrapassou as fronteiras do registro técnico e acadêmico, enaltecendo a dimensão humana da empresa, a metodologia de pesquisa escolhida teve na história oral sua sustentação, permitindo ir além do superficial e dotar a história da empresa de uma caracterização identitária e humanizada. Além de um recurso para captar a memória daqueles que não aparecem nos registros oficiais.

Aos que tem a oportunidade de investigar empresas ‘vivas’, isto é, ainda em operação, o uso da história oral ganha uma dimensão particularmente importante abrindo acesso não apenas à reconstrução das ‘lacunas’ não preenchidas pela documentação tradicional, mas oferecendo um canal para a reconstrução da identidade social da empresa chamada por alguns de ‘cultura organizacional’ (MARQUES, 2000, p. 67).

E como não poderia ser diferente, a História de 25 anos desta construtora foi narrada através de obras e de gente. Na construção da apresentação histórica foram escolhidas 15 obras de grande valor social, e também, considerado marcos dentro da empresa. Assim, as obras compreendidas como iconográficas tiveram suas histórias narradas e reconstruídas. Dentre elas estavam: a reforma de creches, obras para a Usina Hidrelétrica de Itaipu, construção de hospitais, construção de centro de convivência, reforma de escolas, construção de edifícios.

A fonte primária utilizada na construção das narrativas foram obtidas através de personagens que participaram ativamente da execução das obras, dando primazia para um personagem por obra, mas consultou-se uma variedade de fontes, tanto jornalísticas, arquivos técnicos, quanto diversas entrevistas para coleta de informações. Enfatiza-se que os 15 personagens foram escolhidos por terem um olhar privilegiado para compreender as obras selecionadas, a partir da memória que recordava por meio de conversas gravadas e documentadas, servindo com fonte para a reconstrução histórica.

As entrevistas foram abertas, com a indicação de uma temática, a qual era conduzida pelo entrevistador. Para Triviños (1987, p. 146) a entrevista semi-estruturada caracteriza-se por questionamento básicos realizados pelo entrevistador, apoiados por teorias e hipóteses que se relacionam ao tema da pesquisa. O mesmo autor aponta que “[...] favorece não só a descrição dos fenômenos sociais, mas também sua explicação e a compreensão de sua totalidade [...]” além de manter a presença consciente e atuante do pesquisador no processo de coleta de informações (TRIVIÑOS, 1987, p. 152).

Portanto, foram colhidas informações básicas sobre cada obra antes da realização das entrevistas, para auxiliar na construção das perguntas que direcionaram o entrevistado. O personagem discorria sobre as memórias da obra, mas com auxílio do entrevistador que ajudou na contextualização e compreensão de algumas informações que não ficavam claras, colocando-se como um norteador para que os questionamentos alcançassem a finalidade de contribuir para a organização da história. O método caracteriza-se ainda, por assemelhar-se com uma conversa informal, mas que permite coletar com riqueza de detalhes uma quantidade de informações e reconstruir os contextos históricos.

Na medida em que as histórias eram construídas e rememoradas desenhava-se a evolução histórica da Cidade de Foz do Iguaçu. Os personagens interligavam-se nas narrativas, desenvolvendo um elo daqueles que trabalharam ativamente na edificação da cidade, e que por vezes são esquecidos em detrimento de nomes políticos. Nolasco (2013) escreveu que “as memórias subalternas não nascem, nem morrem; elas sobrevivem. Daí elas se encontram numa condição de desconhecimento permanente no presente futuro”.

O resultado final foi condensado em 46 páginas com trechos de falas de colaboradores, funcionários e os sócios-proprietários, compreendendo o significado da empresa no contexto empresarial, o qual movimentou a cidade economicamente e contribuiu para promover transformações sociais. No campo privado, envolto em sentimentalidade, identidades que se formam a partir das pessoas que compuseram e auxiliaram na construção da história da construtora e conseqüentemente da cidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ainda há uma lacuna na compreensão dos contextos históricos, quando movemos o olhar para o setor empresarial no Brasil. Apesar das empresas participarem ativamente de todos os processos sociais, estes em níveis culturais, sociais e econômicos, ainda há um tabu em fomentar estudos com o objetivo de reconstruir a memória e história das empresas no país.

Através do estudo foi possível compreender que os entraves se constroem por duas vias principais: uma, relacionada a não existência de uma cultura de valorização da História e memória de forma geral, o país em níveis regionais e nacionais ainda não conseguiu desenvolver uma consciência que destaque a importância da compreensão dos contextos históricos, isso faz com que os cuidados e a preocupação com a manutenção da memória sejam escassos.

Outro ponto a ser compreendido é que historiadores e empresas aparecem em locais opostos nos espaços de debates teóricos. Os primeiros mais atuantes em academias acabam, por vezes, negligenciando a importância da atuação das empresas na sociedade contemporânea. É imperativo que o contexto seja revertido, uma vez que as empresas estão no centro dos processos de transformações sociais e são imprescindíveis para a compreensão das realidades históricas.

O caso, aqui singularizado, é o primeiro de uma série que podem integrar os estudos da História Empresarial, oportunizando o desenvolvimento de uma cultura de valorização histórica e memorial de pessoas físicas e jurídicas, para que o passado não se constituía de uma lacuna e não se perca na ação do tempo. Além de ampliar significativamente a quantidade de fontes disponíveis para a compreensão da história local e regional a partir dos estudos memoriais das empresas.

REFERÊNCIAS

- ALBERTI, Verena. **A ética no trabalho do historiador**. Curso de História, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.
- CHANDLER, Alfred. *Ensaio para uma teoria histórica da grande empresa*. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 1998.
- CHIAVENATO, Idalberto (1998 [1976]). **Teoria Geral da Administração** (2 vols.) São Paulo, Makron Books.
- ESQUINSANI, Rosimar Serena Siqueira. Entre percursos, fontes e sujeitos: pesquisa em educação e uso da história oral. **Educação e Pesquisa**. [Online]. São Paulo, v. 38, n.1, p. 217-228, 2012.
- HAGUETTE, T. M. F. **Metodologias qualitativas na Sociologia**. 3. ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 1992.
- LABORIE, Pierre. Memória e Opinião. In: AZEVEDO, C. et al. **Cultura Política, memória e historiografia**. Rio de Janeiro: FGV, 2009. (p. 79-97)
- LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas-SP: Unicamp, 2008.
- MARQUES, Teresa Cristina de Novaes. **História de empresas: memória e fontes**. Disponível em: <[http://www.angrad.com/cientifica/artigos/artigos_enangrad/pdfs/viii_enangrad/Historia % 20 de%20empresas%20memoria%20e %20fontes.pdf](http://www.angrad.com/cientifica/artigos/artigos_enangrad/pdfs/viii_enangrad/Historia%20de%20empresas%20memoria%20e%20fontes.pdf)>. Acesso em: 10 jul. 2004.
- MEIHY, José Carlos Sebe Bom; HOLANDA, Fabíola. **História Oral, como fazer como pensar**. São Paulo: Contexto, 2010.

-
- MENDES, José Amado. Arquivos empresariais: História, Memória e Cultura de Empresa. Coimbra, Portugal, **Revista Portuguesa de História**, Ano n. 25, Universidade de Coimbra, 2001.
- NASSAR, Paulo. Memória e esquecimento. **Revista Imprensa**. São Paulo, n. 222. p.40, abr. 2007.
- NOLASCO, Edgar César. **Memórias subalternas latinas: ensaio biográfico**. Mato Grosso do Sul. 2013.
- PINTO, Júlio Pimentel. Todos os passados criados pela memória. In: LEIBING, Annette; BENNINGHOFF-LÜHL, Sibylle (Orgs.). **Devorando o tempo: Brasil, o país sem memória**. São Paulo: Mandarim, 2001.
- PEREIRA, Andréia *et al.* *Storytelling* imersivo colaborativo: *Time2Play no Second Life*. **Simpósio Brasileiro de Sistemas Colaborativos**, VI, 2009. Fortaleza. Anais... Fortaleza: Ed. IEEE-CS. out. 2009. p.99-105.
- FERREIRA, M. de M.; AMADO, J. **Usos e abusos da História Oral**. 8. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.
- ROUCHOU, Joëlle. "História oral: entrevista-reportagem x entrevista-história". In: **Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**. São Paulo, volume XXIII, n. 1, janeiro/junho de 2000.
- SILVA, D. J. Educação, preconceito e formação de professores. In: LIBÓRIO, R. M. C.; SILVA, D. J. (Orgs.). **Valores, Preconceitos e Práticas Educativas**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2008.
- THOMPSON, P. **A voz do passado: História Oral**. 2. ed. Tradução de Lólio Lourenço de Oliveira. São Paulo: Paz e Terra, 1998.
- TRIVIÑOS, A. N. S. Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.
- WORCMAN, K. Memória do Futuro: um desafio. In: NASSAR, P. (Org.). **Memória de Empresa**. São Paulo: Aberje, 2004.

